

Por Alberto Lo Presti - Diretor do Centro Iginio Giordani

Iginio Giordani: a coragem da coerência política – Giordani pode ser considerado uma testemunha de uma cultura política que valoriza a coerência, o diálogo, a edificação da paz. Giordani era um homem profundamente livre, inclusive dos condicionamentos do poder: a sua vida nos questiona até hoje.

Um dos primeiros com Sturzo no novo PPI – A sua biografia política começou em 1919, quando foi um dos primeiros a responder ao “apelo aos livres e fortes”, lançado por Sturzo: Giordani o seguiu nas aventuras do novo Partido popular.

Colocou-se em evidência ao grande público com *Rivolta cattolica* (1925), um livro de abrasada oposição ao sistema dominante de poder fascista; rígido com os grupos católicos que cediam às atrações do regime. Nesse texto já manifestou a exigência de fundamentar a convivência humana na fraternidade universal.

Com alguns de seus livros apologeticos desafiou as ideologias da época e revelou o espírito de serviço e de caridade que deve animar a política e o poder.

Santidade e política – Candidatou-se às eleições de 1924 e de 1946. Em 1946, entrando nos ambientes da política como membro da Assembléia constituinte e parlamentar da Câmara dos Deputados pela Democracia cristã, interrogou-se com esta pergunta: “é possível que um homem político seja santo?”.

Promovido a diretor de “Il Popolo”, jornal do partido, escreveu em seu diário: “*difundir a santidade com uma pobre folha de jornal; difundir santidade por um corredor de passos perdidos... quem realizará este milagre?*”

Nessa nova experiência política, não foram poucas as dificuldades que logo encontrou. Para não violar a retidão profissional, submetendo o jornal aos jogos das correntes do partido, preferiu se demitir da direção; e suplicou: “*que esta humilhação sirva para me recolocar, com a alma despida, diante de Ti, Senhor*”. Registrou “*incompreensões, calúnias, zombarias, abandonos*”, que lhe causaram “*desilusões e amarguras*”; compreendeu que eram ‘provações’ para se santificar.

Pacifista incorruptível – O seu compromisso pela paz foi profético e convicto: foi pacifista durante os dramáticos anos da I Guerra Mundial, quando a sociedade civil estava dividida entre neutrais e intervencionistas. Foi pacifista quando projetava os Estados Unidos da Europa e a Europa Unida, desde o início da década de 1920. Além disso, desejava a paz e a fraternidade universal quando – num célebre discurso de 1949 – aderiu ao Pacto Atlântico, considerando-o não apenas um instrumento de defesa, mas um princípio para uma pacificação entre os povos europeus, inclusive a Rússia. A sua ideia de paz brotou diretamente da lei da caridade, da exigência de solidariedade, junto com as instâncias racionais, sociais e econômicas. “*A guerra é um homicídio*” (mata o homem, é contra o Quinto Mandamento) “*é um deicídio em efígie*” (anula no homem a criatura e a imagem de Deus), e é um suicídio, porque a humanidade é, principalmente hoje, um organismo único, que se autodestrói, ferindo-se nos conflitos.

Foi um homem que praticou a paz, além de proclamá-la. Recorda-se que ele no início da década de 1950, pelas páginas dos jornais que dirigia, dialogava com expoentes do mundo comunista, como o diretor de *l’Unità* de Milão, Davide Lajola, nos anos em que os comunistas foram excomungados da Igreja. Essa iniciativa causou certo clamor e incompreensões.

Lembra-se também como no fim da II Guerra Mundial, em 1945, dedicou-se para salvar alguns dirigentes fascistas do linchamento e das execuções generalizadas que aconteciam logo após a liberação, ele que tinha passado por privações e sofrimentos pela perseguição ideológica e cultural sob o fascismo.

Foi sua a primeira lei em favor da objeção de consciência (1949), apresentada juntamente com o socialista Calosso. Ele foi também um dos primeiros inspiradores da Aliança Parlamentar para a paz, com os parlamentares provenientes de diversos partidos (1951).

A sua ideia de democracia partia do conteúdo ético da relação entre os homens, portanto, o reconhecimento da dignidade de cada um e do valor de cada um na determinação do bem comum. Nesse sentido, o seu espírito democrático teve raízes na inspiração cristã. Em alguns célebres volumes, como *Disumanesimo* (1941), *Pionieri cristiani della democrazia* (1950) e *Le due città* (1961), ressalta que a política seria a organização mais alta do amor cristão. Não só. Bem consciente de que a política é um campo dos outros, exposta “à *corrupção, falsidade, ambição*” – escreveu até mesmo que “*o poder sataniza*” (1962). Lançou essa mensagem, atual hoje mais do que nunca: se todos temos necessidade de santidade, “*os estadistas, os legisladores, os administradores do ente público têm razão dupla para dela precisar*” (1962).

O ideal político da fraternidade universal – Depois de deixar o Parlamento, em 1953, Giordani deixou a política do Palácio para se dedicar à edificação de uma cultura social e política nova, avaliada com uma dimensão maior: a família humana. Na sua vida aconteceu uma reviravolta, determinada pelo encontro, em setembro de 1948, com Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares. Ele diria mais tarde: “*Todos os meus estudos, os meus ideais, os próprios acontecimentos da minha vida me pareceram dirigidos para esta meta... Poderia dizer que antes tinha procurado, agora encontrei*”. Ficou fascinado pela radicalidade evangélica da “*espiritualidade de comunhão*” anunciada e vivida por Chiara. A nova reviravolta da vida de Giordani produziu uma mudança tão profunda que – escreveu – “*causou um choque nos amigos*”. A sua veia polêmica se transformou e Giordani conquistou uma nova e marcada sensibilidade ao profundo diálogo. O seu compromisso passou de individual para comunitário e foi acolhido por uma fileira de políticos de todo o mundo, a começar por aquele pequeno grupo de parlamentares que se formou na década de 50 e cresceu com o tempo até constituir o atual Movimento político pela unidade, fundado por Chiara Lubich em 1996.